

Questões de gênero na apropriação didática dos memes

Memos appropriation for teaching gender issues

Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO¹

Thatiane Oliveira do NASCIMENTO²

Resumo

O texto problematiza o recurso humorístico dos memes via ferramenta do WhatsApp considerando suas dimensões pedagógicas para além do espaço escolar. Parte da subjetivação das questões de gênero para demonstrar que a circulação de determinados memes no aplicativo dissemina estereótipos discriminatórios acerca do feminino que solicitam discussões e análises dos seus significados. Nessa direção, o propósito é oportunizar um planejamento didático que evidencie os efeitos discursivos dos memes, forjados sob o pretexto da comicidade, a fim de subsidiar reflexões que favoreçam a educação escolar com a compreensão das dinâmicas de gênero.

Palavras-chave: Ensino. Gênero. Memes. WhatsApp.

Abstract

The text questions the *memes*' entertaining feature via the WhatsApp communication tool, considering its educational aspects apart from the school. It considers the unobjective element on the gender subject in order to elaborate on the flow of certain *memes* across the app, which spreads discriminatory stereotypes concerning the "feminine", thus requiring debates and analysis upon their meanings. Hence, the intent of this text is to enable a didactic planning which highlights the discursive effects of such *memes* created for entertainment, so that it supports reflections which favor school education by comprehending the gender dynamics.

Keywords: Teaching. Gender. Memes. WhatsApp.

Introdução

Quais são as potencialidades pedagógicas do aplicativo WhatsApp que podem ser exploradas via recursos humorísticos dos memes? E como tais recursos podem,

¹ Doutora em Educação (Universidade Federal da Paraíba – UFPB). Professora Associada da UEPB. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). E-mail: rnadia@terra.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). E-mail: thatianegcopro@outlook.com

especialmente, auxiliar na percepção de estereótipos sobre o feminino nas ambiências pedagógicas? A fim de esboçar encaminhamentos teórico-conceituais que apresentem possíveis respostas a essas inquietações, buscamos articular, no presente texto, uma reflexão sobre as relações sociais de gênero tomando como referência as estratégias de comicidade expressas nos memes. A baliza teórica da argumentação sintetiza uma revisão bibliográfica que agrega contribuições sobre os dispositivos tecnológicos na educação e a dinâmica sociocultural de gênero para ser possível entender as representações das narrativas midiáticas mencionadas.

O Whatsapp é um aplicativo móvel e versátil que permite a escrita e a leitura de textos multimodais (com imagens, sons e vídeos) em meio à interação em rede. De acordo com Recuero, Bastos e Zago (2015), tais aspectos credenciam a apropriação da ferramenta na esfera da educação, porque nela se verifica a confluência com a sociedade sem dicotomias entre ambiente real e virtual, uma vez que os impactos da rede, nesse dispositivo, se mesclam ao cotidiano dos padrões de convivência comuns à coletividade. No sentido aqui privilegiado a menção a redes sociais envolve os modos tecnológicos de interação/conexão entre os indivíduos, valendo-se das condições de convergência para criar e manter a proximidade entre os usuários, que, por sua vez, propagam e dão visibilidade a diversas informações.

Vale salientar que muitas dessas informações circulam na ambiência do WhatsApp através dos memes, estruturas de ilustração intensamente replicadas, que corroboram a perspectiva viral inerente às redes sociais. Nascimento e Souza (2020) discutem a viralização que permeia a rápida partilha de um texto, vídeo ou imagem, descrevendo esse processo como uma operação interativa de conteúdos marcada pela lógica de “contágio”. Nessa dinâmica, a métrica das viralizações (número correspondente às visualizações) revela não só o impacto das mensagens, como também sinaliza o capital social das interações registradas nas plataformas. Isso indica o valor atribuído aos conteúdos pelos participantes dos grupos que os replicam, forjando uma espécie de representação online de seus pensamentos e afinidades.

Num raciocínio análogo, Recuero (2017) assinala que o compartilhamento na internet é sempre uma ação intencional, porque revela algum propósito para a sua circulação. Ou seja, ao difundir um meme, os participantes de um determinado grupo reconhecem o caráter de ludicidade ou talvez expressem a concordância com a mensagem propagada; e outros podem passá-la adiante sem atentar para os seus

significados. Os memes são reflexos da sociabilidade contemporânea, mas também pressupõem os interesses de quem participa nas/das redes.

À luz dos estudos de gênero, as replicações dos memes no WhatsApp instigam preocupações de ordem pedagógica, uma vez que alguns podem difundir arquétipos depreciativos que inferiorizam as mulheres. A disseminação de um dado estereótipo, por exemplo, pode estar relacionada às decisões individuais em repassar uma informação quando se compactua com ela, ou pode ser derivada da atração exercida pelo humor. Em ambas as circunstâncias precisamos compreender suas implicações.

Partimos, pois, da premissa de que o efeito do riso não é neutro e requer uma negociação de sentidos que lhes são subjacentes, decorrendo de decisões individuais que trazem em comum a reverberação na rede como um todo. Sugere a autora supracitada que o ato de repassar conteúdos libera o trânsito de ideias ou imagens através das interações desencadeadas: “as estruturas da rede são *constituintes de e constituídas por* essas interações, bem como pelas decisões dos atores sociais sobre elas” (RECUERO, 2017, p. 8).

Se há intencionalidade na reprodução desses conteúdos, emerge com ênfase o papel da escola no tratamento dessa problemática, a partir de estratégias de ensino e de formação que capacitem a compreender em sala de aula, e fora dela, os fenômenos decorrentes da estrutura social e da posição dos atores nela envolvidos. Na sinergia com essa proposta, tecemos considerações sobre o uso dos memes via aplicativo móvel na educação no intuito de pensar a disseminação dos estereótipos de gênero em meio à estrutura de ludicidade que caracteriza tais ilustrações. Para demonstrar a aplicabilidade no contexto pedagógico, apresentamos uma metodologia que pode ser pertinente à disciplina de Língua Portuguesa, mas que também pode inspirar discussões em outras áreas de saberes.

Os efeitos do riso no discurso dos memes

Minois (2003) chama nossa atenção para a configuração que perpassa os artifícios do humor para a provocação do riso. Argumenta que essas táticas revelam formas satíricas de tradução da realidade social expondo traços de escárnio ou ironia que disfarçam a ambiguidade das ideias formuladas. Observa que tons grosseiros e amigáveis se mesclam nessas narrativas solicitando a análise de quem as recebe: “o riso

é alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco; multiforme, ambivalente, ambíguo” (MINOIS, 2003 p. 16).

Já para Alberti (2002) o humor expressa por meio de representações a modificação de um fato, de uma situação ou de uma história social tomando-os como pretexto para o riso. São comuns representações nas quais são realizadas trocas de papéis que propiciam o inesperado e a surpresa marcadas pela escolha do pior elemento a ser ressaltado nas enunciações em vez da possibilidade de enaltecer o melhor. Tais critérios articulados induzem o sentido cômico que, por sua vez, pode se valer da ironia para comunicar diferentes efeitos e relações com o mundo social.

Nogueira (2010) reitera que o artifício da ironia não perde sua intencionalidade discursiva nos mecanismos do humor, já que uma pretensão sempre existe para o efeito do riso: a interpelação de quem vai receber a mensagem a fim de capturar atenção para o seu conteúdo. Com essa intencionalidade, as expressões cômicas sinalizam a criatividade enunciativa ao expandir os fatos narrados através de representações e analogias. Por esses meios, um novo código narrativo é instituído, pela via da paródia, a fim de agregar leveza a informações já conhecidas no espaço social, que adquirem outras nuances de significados de acordo com o repertório e a inteligibilidade do público que as recebe.

Assim, a comédia é um gênero discursivo que pode se desdobrar em várias modalidades, dependendo do tom ou do propósito do humor utilizado. Em primeira instância, observamos que, no caso dos memes, a paródia do social se mostra uma tática recorrente. Por paródia, entende-se a prática de apropriação de uma situação inerente ao universo cultural optando-se por destacar suas contradições a partir de seus pressupostos.

Nessa direção, a ironia é um mecanismo linguístico bastante adotado, invertendo-se o sentido literal dos fatos para dar lugar à conotação figurada das analogias. Por isso, a prática da paródia consegue absorver o ridículo, elemento que releva a insignificância de certos valores ou sublinha a hipocrisia das normas ou convenções para criticar ou zombar dos costumes sociais. Em alusão a essa modalidade narrativa, verifica-se o riso espontâneo facilmente alcançado, por apelações ao humor espirituoso, obtido pelos trocadilhos das mensagens disseminadas. Nessa perspectiva, as lógicas que compõem a comicidade da paródia mobilizam diferentes mecanismos para

suscitar a interação ao produzir operações sutis nos conteúdos narrados que circulam em múltiplos dispositivos de cultura e comunicação. Como consequência desse processo, o trânsito de sentidos e as identificações coletivas consolidam a cultura da mídia (KELLNER, 2001) para fins de reconhecimento e propagação social.

Nessa linha de raciocínio, as estratégias de comicidade não se dissociam da cultura que as constituem. Os significados das representações são produtos das interações entre os sujeitos e expressam diversas situações comunicativas do cotidiano. Portanto, ao se reportar às mediações culturais da comunicação e de seus artefatos, Martín-Barbero (2009) propõe que, na verdade, as mediações comunicativas da cultura é que criam os processos de midiaticização que reverberam no contexto social. Concordando com esse pressuposto, faremos uso do mapa das mediações comunicativas da cultura, proposto pelo autor, para a observação de alguns memes que ilustram a presente abordagem.

Numa concepção análoga, que reconhece o predomínio da comunicação nas expressões culturais, Thompson (2014) lembra que as relações sociais originam as representações, e essas constituem formas simbólicas geradas, transmitidas e recebidas com a intermediação dos meios de comunicação e seus diferentes dispositivos. Desse modo, a valoração dos bens simbólicos culturais, em suas redes de conexão, guarda estreita relação com os mecanismos comunicativos e suas consequentes mediações. O fato de seus significados serem sutis e difusos demanda análises que avaliem suas configurações e intencionalidades. O autor acredita que mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os simbolismos que lhes são oferecidos pelos dispositivos comunicacionais, “eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos seus produtores” (THOMPSON, 2014, p. 67).

Torna-se, então, pertinente observar o viés satírico da comicidade, que, segundo Nogueira (2010), é formado por alguns elementos: o primeiro é o “exagero discursivo”, embasado pela lógica da hipérbole, a fim de provocar uma sensação de incredulidade pelo exagero da informação. O segundo, articula “o absurdo”, denominado de humor *non-sense*, que tende a acentuar a vulnerabilidade da lógica causal dos acontecimentos.

A terceira estratégia diz respeito ao “agravamento”, que é notada quando as representações da comédia atribuem efeito de desconcertação aos personagens e/ou situações. Temos ainda o “recrudescimento”, que visa ressaltar nas analogias

acontecimentos inesperados e engraçados derivados de fatos sociais corriqueiros. Por fim, o autor evidencia a “descontextualização” atrelada ao “imprevisto” como elementos que ressignificam as ideias do contexto usual da sociedade para ser possível induzir ao riso.

Para a percepção da dinâmica dos memes, torna-se relevante compreender a influência da cultura da imagem, pois essa cria novas possibilidades de interlocução e novos “vínculos de sentidos” para a comicidade. De acordo com Baitello Junior (2010), esses vínculos são fomentados pela “era da iconofagia”. Tal movimento imagético não explica os reais significados dos ícones que representa, mas os torna facilmente reconhecíveis para manipulação coletiva por intermédio dos fluxos de empatia e sociabilidades que desperta.

Discussão de gênero em meio à comicidade

Carmelino e Possenti (2015) argumentam que os textos humorísticos e seus diversos desdobramentos são formas de veiculação de discursos menos oficiais que operam, frequentemente, com a representação de estereótipos. A origem de uma piada é quase sempre misteriosa, visto que se trata de um texto anônimo que se apresenta na linguagem como um hipergênero (a exemplo da carta, da propaganda e da canção): “uma piada pode ser identificada, é claro, mas, provavelmente, muito mais por seu funcionamento do que por um conjunto de características que se repetem na sua formação” (CARMELINO; POSSENTI, 2015, p. 417).

Os estereótipos, por sua vez, são estruturas representativas que evocam esquemas culturais preexistentes, por meio dos quais as pessoas compreendem a realidade e estabelecem relações de significados. Os autores sugerem duas vertentes para o entendimento do estereótipo: uma positiva, que o vincula à ideia de coesão e identidade social; e outra negativa, que o relaciona ao erro e ao preconceito, sendo a segunda predominante no discurso humorístico, que apela, geralmente, para a depreciação no intuito de provocar o riso. No entanto, a categorização simplificada ou generalizada das representações estereotípicas pode provocar uma visão esquemática e deturpada do real, gerando falsas evidências, que precisam ser analisadas: “Como os estereótipos comumente se referem ao todo social selecionando alguns detalhes, tendem

a oferecer uma imagem incompleta (eventualmente, errada), que implica ou provém de uma qualificação ou julgamento” (CARMELINO; POSSENTI, 2015, p. 417).

As marcas, em geral pejorativas, que envolvem a construção das piadas, são exageradamente assinaladas em certas enunciações, em detrimento de outros aspectos, constituindo-se em causas do riso. Para os autores, os textos de humor revelam mais do que simples relações de interdiscursividade, funcionando também como palcos de relações de conflitos entre segmentos de uma sociedade ou cultura.

Por essa razão, os elementos que concernem ao riso, quando vinculados à ironia ou ao sarcasmo, requerem observação criteriosa para não reproduzir o rebaixamento, a depreciação, a avaliação negativa – sejam de ordem física, sejam de ordem moral, em relação a determinados grupos sociais. As piadas apresentam muitos exemplos desse funcionamento estereotipado a partir da construção de associações pejorativas, como por exemplo: portugueses burros, judeus gananciosos, ingleses excêntricos, colombianos traficantes, brasileiros malandros; ou, nos casos do feminino, alusões a loiras burras ou quaisquer outras que desqualificam a competência feminina ao estabelecerem comparações inapropriadas.

Para além de ser causa do riso, mas ainda considerando as funções do humor, os autores supracitados evidenciam a relação direta entre os estereótipos e os valores da sociedade. Tal processo de elaboração não consiste apenas numa simplificação negativa para alimentar determinadas piadas: o estereótipo permite, na verdade, o “não dito”, e, assim, exige uma interpretação que leve em conta as problemáticas históricas e culturais que atravessam os condicionamentos de gênero.

Muraro e Boff (2002) consideram que a diferença entre os sexos, enquanto matriz conceitual é, historicamente, interpretada como desigualdade, gerando uma distorção cultural que tornou a mulher subordinada ao homem, somente por sua condição, como se pertencesse à esfera dos bens que este possui. No pensamento dos autores, a objetificação feminina é a matriz das relações de dominação social que tornam a mulher um ser subalterno, cujas funções devem ser gestadas e legitimadas em prol da sustentação da hierarquia masculina.

De modo a destacar as estratégias dos memes que podem ilustrar essa discussão, tomamos como referência interpretativo-metodológica o mapa das mediações comunicativas da cultura, que é proposto por Martín-Barbero (2003), considerando as mediações da *ritualidade* e da *tecnicidade*. Essas mediações são analisadas com o

objetivo de identificar os estereótipos reforçados pela estratégia da comicidade no cotidiano de apropriação das tecnologias móveis, especialmente dos *smartphones*, artefatos recorrentes entre os sujeitos escolares, tanto no ambiente educativo como para além dele, uma vez que adolescentes e jovens manifestam familiaridade com o consumo de conteúdos via celulares.

Assim, observando-se o contexto específico da virtualidade e de suas linguagens para a formulação subsequente de um planejamento didático com memes, à luz das proposições de Martín-Barbero, partimos da mediação da *ritualidade*, que nos ajuda a compreender o uso regular da ferramenta WhatsApp. Essa mediação tem a ver com a rotina de apropriação dos memes no dia a dia, com os recursos dessa plataforma, para a disseminação coletiva de ideias ou conversações via rede.

Num segundo momento ressaltamos a mediação da *tecnicidade*, que é demarcada pelas relações de interação entre tecnologia, pessoas e conteúdos compartilhados. Nesta, somos diretamente influenciados pelas lógicas de produção e formatos industriais da comunicação. Na *tecnicidade*, a ênfase recai sobre as competências da recepção. Portanto, ambas as mediações interferem nos sentidos culturais que circulam nas mensagens propagadas favorecendo a apropriação pedagógica.

Dito isso, passemos aos exemplos de memes para registro dos estereótipos:

Figura 1 – Quem foi que disse que não existem mais românticos?



Fonte: Bombou no WA, 2020.³

³ Disponível em: <https://www.bombounowa.com/imagens/quem-foi-que-disse-que-nao-existem-mais-romanticos>. Acesso em: 27/09/2020 às 22:22.

Figura 2 – Feliz aniversário



Fonte: memedroid.com, 2018.⁴

Na primeira ilustração, a bandeja levada pelo homem carrega materiais de limpeza doméstica e até mesmo um ferro de passar, ao contrário de um café da manhã na cama, como insinua a atitude “romântica” da frase. As funções de “lavar e passar” são atribuídas à mulher e naturalizadas pelo masculino. Aqui, a “tecnologia” do ferro de passar traduz uma habilidade exclusivamente feminina.

Na segunda imagem, o homem venda os olhos da mulher, fingindo uma boa surpresa, quando, na verdade, a encaminha para uma pia com louça suja acumulada. Isto é, a cena corrobora a ideia de que o “lugar da mulher é na cozinha”.

Abaixo, uma tentativa de analogia bíblica com a personagem Eva sendo chamada para “lavar a louça”. A imagem sugere que a condição subalterna feminina é histórica e teve início no Paraíso, como se não pudesse sofrer alterações com o avanço social.

⁴ Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/tag/machismo>. Acesso em: 27/09/2020 às 22:13.

Figura 3 – Foi assim



Fonte: Meme, 2020.⁵

Dentre os temas mencionados, localizamos críticas à autonomia feminina, às práticas domésticas como unicamente das mulheres, que replicam desigualdades sexistas. Por isso, Louro (2010a) elucida que o debate contemporâneo de gênero se relaciona às implicações de poder. Não envolve apenas o feminino, mas, sobretudo, os significados que o masculino constrói e dissemina a respeito dessa categoria. O compartilhamento de sentidos é que produz os variados signos e representações do sistema social, através de classificações e códigos comuns. Tais códigos, como vimos, comunicam posições, hierarquias e diferenças entre os sexos impostas pela historicidade cultural.

Nessa perspectiva, as instituições e as práticas sociais são estruturas constituídas *pelos gêneros* e também constituintes *dos gêneros*. É no campo das relações sociais que os papéis desiguais são forjados e disseminados: “Na medida em que se afirma o caráter social do feminino ou masculino, temos que considerar as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando” (LOURO, 2010b, p. p.23).

A autora adverte que a oposição binária entre masculino-feminino fomenta um pensamento dicotômico que transfere para o masculino uma prioridade nas relações sociais, colocando a mulher à margem das conquistas da identidade de gênero. Muitos memes sustentam pensamentos preconceituosos, reafirmando a hegemonia do

⁵ Disponível em: <https://me.me/i/aew-deus-o-ngo-tava-daora-mas-quem-vai-lavas-7198052>. Acesso em: 27/09/2020 às 22:10.

masculino, defendendo papéis para homens e mulheres, muitas vezes a partir da menção a competências ou habilidades genéricas. A circunscrição feminina ao espaço doméstico pode estar ligada à noção normativa de heterossexualidade, ajudando a disseminar preconceitos em relação aos padrões considerados desviantes. A autora julga essa visão simplificada, destacando que a dicotomia sexo-gênero envolve relações de poder que precisam ser questionadas, a partir de enfoques que observem outras desigualdades, a exemplo de classe, raça e geração.

Na imagem abaixo, o estereótipo de tarefas tidas como “femininas” é evidente e ainda acrescido de “valorização”: a mulher lavar a louça é mostrado como certo, mas é “errado” comandar uma mesa de som, assumindo função de DJ, como se tal profissão fosse exclusivamente masculina:



Fonte: Memedroid, 2017.⁶

Para favorecer nossa compreensão acerca desses estereótipos, Bourdieu (2009) explica a dominação simbólica entre os sexos traçando a gênese do *habitus* feminino, entendendo-o como “um ser-percebido, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros” (BOURDIEU, 2009, p. 79).

As impressões acerca do papel social e de seus elementos de configuração surgem desde o nascimento dos sujeitos, e vão influenciar suas percepções da cultura, bem como os simbolismos e os signos que configuram as práticas esperadas, consideradas “normais” entre os sexos, tanto para meninos como para meninas. Na dinâmica de reprodução as representações correntes sobre homens e mulheres são

⁶ Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/1970812,2017>. Acesso em 27/09/2020 às 22:08

fundamentadas e se expandem. Ao longo dos tempos, a sociedade “constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2009, p. 9). Esse corpo é denominado pelo autor como “corpo alienado”, em respeito à relação de dominação do sexo imposta pela posição ocupada no espaço social. O corpo alienado sofre violência, e não apenas simbólica, pelos modelos de masculinidade hegemônica, criados pelas matrizes institucionais do patriarcado e dos arquétipos dele decorrentes.

Salienta o autor que a posição da mulher como inferior ao homem foi forjada pela hierarquia do masculino. A divisão hierárquica entre os sexos sustentou-se por três instâncias: a família, a igreja e a escola. À família cabia a função de (re) produzir a visão androcêntrica para manter viva a dominação masculina. A igreja, por sua vez, legitima a autoridade masculina no seio das famílias, traduzindo o dogma da inferioridade das mulheres na mística simbólica dos textos sagrados.

Por último, a escola propagou a divisão dos papéis para cada gênero, disciplinando homens e mulheres para fortalecer a lógica do sistema patriarcal. Nesse sistema às mulheres foram dadas as tarefas de cuidar e educar; aos homens, o papel dominante do provedor e a analogia sexual do “predador”, pois foram incentivados e autorizados a burlar a ordem social com comportamentos desviantes, mas considerados aceitáveis em função da condição de “machos”. O pensamento androcêntrico patriarcal originou a racionalidade binária que até hoje sustenta as relações discriminatórias defendendo-as como “naturais”.

Reflexos dessas relações discriminatórias podem ser vistos nas seguintes imagens, que “naturalizam” a “incompetência” feminina em tarefas consideradas de “excelência” masculina, a exemplo de que “mulher não sabe dirigir”:

Figura 5



Fonte: Lion, 2019.⁷

Figura 6: Coisas de mulher



Fonte: Piadas e Vídeos, 2020.⁸

Nesses memes, é possível perceber que a associação entre “bater com o carro” e “coisa de mulher” consolida uma visão recorrente ao universo masculino de que “mulher não saber dirigir”. Estereótipos dessa natureza não são “engraçados” por disseminarem preconceitos, exigindo da escola e de seus atores um movimento de conscientização e criticidade para ser possível identificar as afirmações depreciativas que permeiam muitas narrativas de humor.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/LeaoOpressor/status/1130683222092918784/photo/1>. Acesso em 27/09/2020.

⁸ Disponível em: <https://piadas-e-videos.com/imagem/coisas-de-mulher-15041>. Acesso em 27/09/2020.

Uma proposta metodológica com memes via aplicativo WhatsApp

Rojo (2012) clarifica que os multiletramentos se referem ao hibridismo entre linguagens e suportes que permitem diferentes práticas de aprendizagem no cotidiano educativo à medida que incorporam a multiplicidade de culturas e a semiótica dos textos. Na compreensão da autora as práticas multimodais são marcadas pelas: 1) Interatividade e práticas de linguagem colaborativas; 2) Democratização e expansão dos acessos à informação; e 3) Híbridez de linguagens, modos, mídias e culturas. Entretanto, o entendimento acerca das táticas multimodais requer a percepção do conceito de hipertexto, que diz respeito às informações textuais agregadas a imagens (fixas ou animadas), bem como a sons, organizados para promover uma leitura (ou navegação) não linear.

Nesse universo, o WhatsApp é um suporte multimodal que pode expandir as experiências didáticas ao acenar com a colaboração nos processos de ensino e aprendizagem, conectando alunos e professores “desenvolvendo a diversidade de conteúdos e a informação (a produção cultural) subvertendo a propriedade dos bens culturais imateriais (ideias, textos, discursos, imagens, sonoridades)” (ROJO, 2012, p. 25).

A pedagogia dos multiletramentos pressupõe a formação de usuários para pertinentes apropriações dos dispositivos, uma vez que, ao ativar suas competências de interação com as plataformas digitais, esses vão construir novos conhecimentos a partir dos conteúdos disseminados, adquirir novos repertórios, produzir significações, e não apenas estreitar laços interpessoais no processo de compartilhamentos em rede. Nesse sentido, a apropriação de um aplicativo para finalidades pedagógicas forja uma espécie de benefício social, na medida em que a estrutura de conexão dá aos atores-alunos oportunidades de acesso a conteúdos multifacetados.

Tomando como referência as questões de gênero no universo multimodal dos memes, sugerimos um planejamento didático para a ferramenta digital, partindo da disciplina de Língua Portuguesa. Entretanto, essa delimitação é efetivada sem perder de vista a perspectiva interdisciplinar como possibilidade de projeção para novos saberes, considerando reinvenções docentes que se façam necessárias à articulação de ideias e sentidos no cotidiano pedagógico. Nessa perspectiva, o suporte do WhatsApp é aqui

pensado para favorecer arranjos de interlocução docente/discente no esclarecimento de possíveis dúvidas e/ou novos encaminhamentos sobre as atividades propostas, uma vez que permite espaços de convivência e conectividade.

A metodologia, pensada para atender alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, emergiu de dois questionamentos embasados pelas mediações da *ritualidade* e da *tecnicidade* (MARTÍN-BARBERO, 2003): como orientar a relação dos alunos com a cultura dos memes? De que modo os memes podem ser apropriados para a formação em torno da problemática de gênero? Como vimos, os memes representam as visões de mundo, os regionalismos e as diversas formas de linguagem construídas pela coletividade. São, portanto, estruturas intertextuais que se misturam ou remetem a dizeres pré-existentes, isto é, que já estão inscritos na memória social; uma memória que se viraliza a partir da replicação dos conteúdos.

Dessa forma, podem ser interpretados enquanto superfícies performativas que requisitam análises da sua produção de sentidos. Nas palavras de Ferreira (2008), reproduzem “jeitos de dizer que expressam relações sociais concretas, conflitos de diferentes ordens, que determinam usos específicos, multifacetados, complexos da escrita, em diferentes grupos de uma mesma sociedade” (FERREIRA, 2008, p. 53). As ilustrações imprimem um modo de apreciação do mundo que é imposto visualmente para comunicar valores e costumes, ao mesmo tempo em que apresenta como principal marca o apagamento da autoria.

No que tange à discussão de gênero, Louro (2010b) sublinha que a construção do espaço escolar desempenha um papel importante na construção das identidades. E as visões nesse âmbito podem ser percebidas nas falas das crianças, dos/as professores/as, das famílias, bem como nas atividades propostas, no incentivo ou proibição de determinados comportamentos, nos silêncios, nas formas de olhar e sentir, nas sanções impostas aos estudantes. Portanto, a preocupação com as ideologias de gênero e seus condicionamentos sociais devem permear os currículos e nortear as ações pedagógicas.

A verdade é que um conjunto de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas circulam nos espaços escolares e precisam ser debatidos. A concepção de “gênero” envolve qualquer informação sobre as mulheres como equivalente a qualquer informação sobre os homens. Convém enfatizar que, neste texto, a opção do enfoque pelo feminino ocorre em função das ilustrações selecionadas, sem qualquer intenção de produzir dicotomias

entre essas categorias, considerando-se que qualquer referência a gênero é, sobretudo, “relacional”.

Entretanto, de acordo com Louro (2010a), é preciso evidenciar que “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeitos” (LOURO, 2010a, p.17). Por consequência, teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentos, bem como para indicar diferentes habilidades sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. Assim, a escola tem grande responsabilidade na desconstrução dos estigmas de gênero, pois “não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as produz” (LOURO, 2010a, p. 80).

Após a contextualização temática sobre gênero e narrativas cômicas, torna-se oportuno instigar os alunos a selecionar memes que apresentem estigmas ou estereótipos femininos para compartilhamento no grupo de WhatsApp da turma. Podem ser definidos os seguintes objetivos para a proposta: Identificar nos memes aspectos lexicais, fonológicos, prosódicos, do discurso escrito / Localizar e organizar as informações explícitas, na sequência em que aparecem nos memes/ Inferir informações e relações implícitas no texto / Entender a intencionalidade das mensagens, analisando a situação sociocomunicativa presumida / Identificar a ideia central demonstrando compreensão global do que é comunicado / Inferir o efeito de humor produzido pelo uso intencional de palavras, expressões ou imagens / Refletir acerca das relações de gênero disseminadas socialmente.

Na sequência, cada grupo será convocado a produzir um meme que exemplifique as questões de gênero a fim de colocar em prática os conhecimentos aprendidos. As análises das demais equipes são socializadas para que todos os participantes tenham a oportunidade de tecer suas considerações e interagir com novas aprendizagens. Existem aplicativos geradores de memes e *softwares* destinados à edição de imagens. O site “museu de memes” (<https://www.museudememes.com.br/>), da UFF, é um banco de dados que pode ser utilizado para isso e para a pesquisa do tema, uma vez que a plataforma oferece uma compilação de trabalhos nesse âmbito. Em termos de avaliação, sugerimos a modalidade processual a fim de acompanhar o curso do trabalho e identificar as dificuldades na sua execução, bem como as aprendizagens alcançadas.

Considerações finais

No que concerne aos condicionamentos sociais de gênero, a análise das ilustrações sinalizou que os memes tendem a reproduzir um perfil feminino associado à submissão, e o masculino é privilegiado nos artifícios de humor para ressaltar ações vinculadas à inteligência e/ou racionalidade lógica. Tais visões, quando compartilhadas, podem legitimar estereótipos depreciativos que influenciam a percepção de adolescentes e jovens, ao propagar ideias sexistas que inferiorizam as mulheres e invisibilizam suas lutas e conquistas.

O silenciamento acerca do feminino e seus tensionamentos precisam ser questionados na escola e fora dela, a fim de ser possível desconstruir os arquétipos culturais que incidem em muitas representações midiáticas contemporâneas, nas quais a mulher é objeto de sexualização/erotização numa deturpação da figura feminina que alimenta preconceitos no imaginário coletivo. Há que se analisar, também, imagens que mostram a suposta propensão das mulheres para as atividades do lar e/ou maternidade em detrimento de sublinhar a sua competência para o mercado de trabalho ou tarefas consideradas masculinas.

O planejamento didático para apropriação dos memes via WhatsApp busca contextualizar questões dessa natureza, mostrando que através do riso também é possível aprender, desde que se considere as potencialidades multimodais da ferramenta e os efeitos discursivos do humor. O intuito é problematizar que o debate de gênero circula na conectividade da internet reproduzindo os processos culturais e históricos que operam como vetores de discriminação no cotidiano social. Assim, as ideias viralizadas nas imagens virtuais, sob o pretexto da comicidade, replicam hierarquias normativas que nada têm de lúdicas.

A partir das mediações juvenis das tecnologias e de suas funcionalidades rituais, torna-se possível dinamizar a dinâmica educativa, instigando reflexões na ambiência da escola e para além dela, com estratégias de ensino que discutam as hierarquias normativas, conscientizem sobre os agenciamentos de gênero, sem relativizá-los ou ignorá-los, a fim de projetar uma sociedade igualitária.

Referências

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. FGV, 2002.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2010.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARMELINO, Ana Cristina; POSSENTI, Sírio. **O que dizem do Brasil as piadas? Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, set./dez. 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Quem não tem papel dá o recado pelo muro**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org). *Leitura na escola*. São Paulo: Global/ALB, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010a.

LOURO, Guacira Lopes, *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.191p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Pistas para entre-ver meios e mediações*. Prefácio. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Uma aventura epistemológica*. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**. São Paulo, v.2, n.2, jul./dez. 2009.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NOGUEIRA, Luís. *Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos*. Covilhã: Labcom, 2010.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

ROJO, Roxane. Helena.Rodrigues. *Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola*. In: ROJO, Roxane.Helena.Rodrigues; MOURA, Eduardo. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUZA, Fábio Marques de; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Linguagens híbridas na ambiência do Whatsapp. In: MONTEIRO, Jean Carlos da Silva; LOBO, Juliana Campos; XAVIER, Manassés Moraes; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo (Orgs). **As tecnologias digitais no processo formativo de uma geração de alunos conectados**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2014.